



25 JUN 2005

DF. Cultura

As sinfonias de Ceilândia

TRIBUNA DO BRASIL

ORQUESTRA DA CIDADE É REGIDA PELA CUBANA ELENA HERRERA. CERCA DE 60 JOVENS ENSAIAM REPERTÓRIO CLÁSSICO DUAS VEZES POR SEMANA

Vinicius Nader

A costumado a receber palestras e aulas maiores, o auditório do Centro de Ensino Técnico de Ceilândia se transforma em uma verdadeira sala de concertos musicais nas noites de segunda e quinta-feiras. É a Orquestra Sinfônica de Ceilândia que toma conta do local. O som extraído dos instrumentos musicais de jovens invade a noite do local de uma maneira pra lá de agradável. O comando dos músicos fica por conta da experiente maestrina cubana Elena Herrera.

Os meninos com idade a partir de 13 anos vão chegando aos poucos. Cada um é chamado por Elena pelo próprio nome e recebe um afago, um simples, mas sincero sorriso ou mesmo um caloroso abraço. "Chegou o meu fagotista preferido. Fiquei com medo de você ter me abandonado", diz ela a um aluno que havia faltado na aula passada. Elena é desse jeito. Trata seus alunos com o carinho de mãe e o rigor de professora. "São como filhos meus. Trato eles com amor, mas quando precisa dou uma bronca", confirma ela, acrescentando com pressa que "ainda bem que quase nunca precisa".

A professora pede som "de veludo", quer ouvir as trompas. Atendida, abre um sorriso logo correspondido pelo aluno. Está

tudo entendido entre eles. O trombonista toca fora do tom correto. Elena pára o ensaio, pede para que ele toque sozinho, corrige, dá um pequeno puxão de orelha e termina tudo com um "vamos lá, querido". Mais uma vez sorrisos de ambos os lados. E música por todos os lados possíveis.

Todos já chegaram e o ensaio pode começar. A primeira sinfonia começa antes mesmo do ensaio para valer. Os alunos afinam seus instrumentos um a um e ouvidos menos treinados consideram que ali já está um verdadeiro espetáculo. Enquanto dá os últimos ajustes em seu trombone, o jovem Marcelo Félix, de 23 anos, se prepara para um dos momentos mais aguardados do dia. "Fico mais feliz desde cedo quando é dia de ensaio. Enquanto toco, esqueço os problemas da cidade e da minha vida", afirma Marcelo, que é motorista e mora em Ceilândia, perto de onde a orquestra ensaia. Integrante do grupo desde a sua fundação, Marcelo começou a tocar em igrejas até chegar na orquestra. "Não posso ensinar os meninos a tocar aqui. Eles têm que chegar com uma enorme base porque não tenho estrutura. Meu projeto é que um dia isso aqui vire uma escola de música", sonha Elena, com um olho no futuro e outro nos meninos.

Os olhos de Elena brilham

quando ela fala ou olha para seus alunos. "Sou exigente, mas não posso esquecer que eles passaram por um dia de trabalho ou de estudos antes de estarem aqui. Tocar é uma válvula de escape para muitos deles", afirma.

A Orquestra Sinfônica de Ceilândia conta com dois percussionistas. Um deles é Geisel Gomes, de 27 anos. Ele atesta o que diz a professora. "Ela dá algumas broncas, é enérgica quando precisa, mas todos gostam muito dela porque é tudo feito com muito carinho", diz Geisel. Desde que entrou para o grupo de Elena, Geisel cresceu muito como profissional. "É uma forma de eu me qualificar cada vez mais, buscando uma reciclagem do meu instrumento e aprendendo novas músicas e novos comportamentos", afirma o sargento. Atingir, além do lado musical, o comportamental dos alunos é realmente uma meta da maestrina. Por isso as aulas não são apenas de leitura de partitura ou de teoria musical. "Procuro incluir nas aulas algo como ética e comportamento entre os músicos", afirma ela.

A orquestra é um grande orgulho de Elena, que ressalta que, tecnicamente, ela comanda uma banda. "A diferença está na ausência dos violinos. Nós já tivemos violinistas, mas hoje eles estão substituídos por instrumentos de sopro. Mas ainda

vamos tê-los de volta e ser uma orquestra completa", diz ela. Esse não é o desejo somente de Elena. Com apenas 14 anos de idade, o estudante Diego Brenner espera ansiosamente por esse dia. O menino vai de Águas Claras a Ceilândia sempre que tem ensaio, para acompanhar a prima, que toca violoncelo com Elena. "É bem melhor vir aqui e aprender mais ouvindo a orquestra do que ficar em casa jogando videogame", afirma o garoto, com os olhos pequeninos de tanto sono vidrados em cada movimento da maestrina.

Com seis anos de criada, a Orquestra Sinfônica de Ceilândia sempre ensaiou no mesmo local, levando aos alunos uma atmosfera diferente duas vezes por semana. Hoje são 60 alunos, sendo que cerca de 50% são moradores de Ceilândia. O que mais encantou a maestrina no projeto da orquestra foi a possibilidade de levar música clássica para uma cidade conhecida muito mais por sua violência do que pela arte que produz. "É um trabalho muito importante esse. Somos uma orquestra profissional formada por jovens que procuraram o caminho da música", afirma. O repertório é escolhido a dedo. "Tocamos desde clássicos a arranjos de orquestra para música popular, como Aquarela do Brasil, por exemplo", cita Elena, que também



Marcelo: "Quando toco, esqueço os problemas"

gosta de trazer compositores menos conhecidos para apresentar aos meninos.

O repertório é aprovado pela maioria dos alunos. "Gosto muito das músicas que ela escolhe. Os compositores são todos muito bons e os arranjos também", elogia Marcelo, o trombonista. O percussionista Geisel também exalta as escolhas. "São

todas bem acertadas", confirma. Para a maestrina, a resposta dos músicos vem no palco mesmo, quando eles executam as peças com precisão. E quando a maestrina, naquele gesto característico dos maestros, abre seus braços, cria uma imagem emblemática, pois parece querer abraçar todos seus alunos de uma só vez.